



Boletim de **D. António Barroso**

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação "Grupo dos Amigos de D. António Barroso". NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua Luís de Camões, n.º 632, Arneiro | 2775-518 Carcavelos
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano II

N.º 4

Janeiro / Março de 2012

O BISPO ESMOLER

Era assim que a imprensa da época se referia, por vezes, a **D. António Barroso**. E o povo anónimo ao vê-lo passar na rua chamava-lhe o **“Pai dos pobres”**.

São inúmeros os testemunhos de que era este o tratamento dado por muitos portuenses ao seu bispo. E **D. António de Castro Meireles**, que lhe veio a suceder no governo da diocese (1929-1942), confirma: **«A sua bondade era o traço mais saliente de toda a sua vida... Dos pobres e dos humildes fez os seus amigos de todos os dias»**. **«Por isso pôde dizer, quase à hora da morte: “Nasci pobre e pobre quero morrer”»**.

Anos depois, em 1954, escreveu o fundador da Obra do Gaiato, o **Pe. Américo**: **«A sua grande loucura está no amor aos Pobres (...)** Um cordão que a mãe lhe dera gastava-se aos bocadinhos, quando não havia dinheiro».

A. G. A.

EM TEMPO DE CRISE

SENSIBILIDADE AOS PROBLEMAS SOCIAIS

A Europa dos nossos dias vive atordoada sob os efeitos de um rolo compressor manobrado na sombra por mercados sem rosto. No nosso país multiplicam-se as situações de pobreza extrema. Aos dramas humanos que abundam na sociedade portuguesa, tem sido sensível a Igreja, nomeadamente D. Carlos Azevedo. Quando responsável pela Pastoral Social, este bispo corajoso abordou as questões sociais com clareza, como fazia D. António Barroso, figura que muito admira e sobre quem escreveu recentemente uma biografia, pondo em relevo a grande sensibilidade que este missionário bispo sempre manifestou para lidar com os problemas sociais.

De facto, D. António Barroso enfrentou, por várias vezes, questões de ordem social. Logo no início chamou a atenção dos seus diocesanos para a criação da *Assistência Nacional de Tuberculosos*. Em Provisão de 6 de Fevereiro de 1900 reflectiu sobre a propagação da doença, que prejudicava sobretudo os mais pobres. Pedia encarecidamente aos párocos que colaborassem com a *Comissão de Propaganda de Assistência Nacional*, angariando sócios em cada freguesia. Esclarecia sobre as finalidades: «centralizar os meios de combate, suspender a marcha do terrível mal, procurar a cura ou ao menos diminuir o sofrimento das vítimas». Impulsionava as Escolas agrícolas, com Provisão de 22-10-1905. Perante «temeroso abalo de terra que cobria de luto e desolação os nossos irmãos do Ribatejo», em 23 de Abril de 1909, dirigiu ao clero uma circular pedindo ajuda.



Pobreza no Porto. Associação de Protecção à Infância, fundada por D. António Barroso, em 03/08/1903. Largo 1.º de Dezembro, Porto

Boletim de D. António Barroso

A diocese deu «prova eloquente de fraternidade cristã», como disse na altura de agradecer. Mas ainda não refeitos os ânimos, novas calamidades assolaram o país, particularmente o Porto. Foram as inundações de Dezembro de 1909: «Este meu tão querido e amigo Douro... transborda... arrasta para os abismos do oceano tudo o que encontra na sua passagem devastadora.»

Na Pastoral da Quaresma de 1910 D. António Barroso tratou do papel social da Igreja. Defendeu ligações íntimas entre religião e sociedade. Enumerou alguns contributos da religião cristã para a transformação social. Lembrou que foram «princípios fraternais que levedaram e amadureceram lentamente ao sol de séculos, provocaram a abolição do monstruoso escândalo da escravatura». Ao cristianismo se deve «a transformação da servidão, o poder das corporações operárias e tem preparado esse movimento, que apesar de desvarios, que devemos lamentar e condenar, impulsionam os homens para situações melhores, mais firmes».

Salientou a missão de promover a ordem e a paz entre os homens, o cuidado de os unir em laços de fraternidade, de fazer de todos uma família, ser exemplo e fonte de leis civis. «Antes da sociedade civil» defender a dignidade humana, a Igreja tinha-o praticado na sua vida e organização.

A mesma atenção às causas sociais prosseguiu após o exílio. Já antes do exílio tinha acarinhado as Oficinas de São José, o Asilo de Vilar, o Recolhimento das Meninas desamparadas, o Recolhimento do Ferro, as Irmãs Pobres. O Círculo Católico de Operários, reduzido a um montão de escombros pela fúria anticlerical, renasce em 1916, devido ao jubileu

episcopal do bispo que é canalizado para esta finalidade.

Todas as múltiplas instituições de serviço social existentes na diocese lembram os gestos concretos do seu Bispo. Hospitais, Asilos, Associações receberam atenções e protecção de Barroso. Em Dezembro de 1914 publica uma Provisão relativa à Liga da Boa Imprensa dos Pobres, incentivando o seu desenvolvimento. Dá claro impulso na fundação da Associação dos Médicos Católicos Portugue-



Um prelado esmolet
D. António Barroso, bispo do Porto
(Cliché Bobone)

**Ilustração Portuguesa,
de 28 de Março de 1910**

ses e patrocina círculos católicos de estudo e Associações de Juventude Católica, a Obra da Santa Infância e a Associação de Protecção à Infância. Esta foi fundada em 3 de Agosto de 1903, por iniciativa de D. António Barroso para se dedicar à educação moral e intelectual de crianças. Ainda funciona. Intervém urgindo atitudes concretas e estabelecendo critérios permanentes.

Lança, pela Provisão de 11 de Maio de 1917, um peditório a favor da Lituânia. A subscrição, que rendeu uma soma considerável, demonstra que a sua visão atenta e preocupação social ultrapassam os limites do território nacional.

A mais extensa pastoral sobre temática especificamente social data de 25 de Abril de 1918, quatro meses anterior à sua morte. Cheio de solicitude pastoral enfrenta a questão das subsistências, como «reflexo da Grande Guerra e resultante da nossa velha imprevidência»: os preços aumentam dia-a-dia. Começa-se por sacrificar o vestuário, o agasalho, a educação dos filhos, o decoro da família. Propagam-se as doenças agravadas pela miséria. A exploração espreita a miséria e leva à perda da honra. Para enfrentar as consequências da guerra como a fome e as doenças preconiza cuidados a prestar à agricultura e à higiene. D. António Barroso sente-se unido aos diocesanos, com desvelo paternal, em nome dos pobres. Faz um apelo aos agricultores para que aumentem nas suas terras a produção cerealífera. Aumentar a produção é «grande dever social». São sábias as palavras: «A agricultura é a vida das outras indústrias e a resistência dos povos». Admira a heroicidade da agricultura portuguesa e cita como exemplo a dar o caso das terras sobranceiras ao Douro. Para a crise que se vive aponta: cultura intensiva com adubos químicos, melhor aproveitamento das aptidões dos terrenos pelo arroteamento de algum bravo. Depois dos apelos vem a denúncia. Denuncia a ganância de lucros excessivos na venda de produtos agrícolas. Considera-a «exploração monstruosa, sem entranhas e sem pudor». Aborda a questão do salário e pede aos patrões que obedeçam com fidelidade aos ditames de justiça e recomenda aos párocos que intervenham com a sua autoridade e influência para conseguir que os operários ganhem o indispensável às suas necessidades.

Tão actuais as suas palavras!

A G.A

D. ANTÓNIO BARROSO, MISSIONÁRIO DA BOA NOVA

Padre Albino dos Anjos *

D. António Barroso foi sacerdote missionário do Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim onde entrou em 1873, vindo de Barcelos, com 19 anos de idade. Ali se formou e se ordenou sacerdote, à maneira dos sacerdotes diocesanos, mas para a missão em todo o mundo, finalidade do Colégio. Foi de Cernache do Bonjardim que partiu, em 1880, como sacerdote missionário, para Angola e Congo. Voltou à Europa ao fim de nove anos e foi novamente do Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim que partiu, como bispo, para Moçambique e depois para a Índia, pois os 317 sacerdotes e bispos formados nessa instituição procediam das dioceses portuguesas da sua origem e viviam o seu sacerdócio ao serviço das dioceses da África e da Ásia para onde eram enviados. O Colégio das Missões Ultramarinas abriu com este nome em Cernache do Bonjardim, em 1855, para formar sacerdotes missionários sem pertencerem a ordens ou congregações religiosas. Na sua história, passou por várias fases e foi vítima das vicissitudes políticas de Portugal que o laicizaram de 1910 a 1927. Em 1930, o Papa Pio XI, para superar a dispersão dos seus missionários e lhes dar melhor coordenação, ordenou que o Colégio, e os outros dois que dele haviam brotado em Tomar e Cucujães, fossem transformados numa sociedade missionária de vida comum, tal como ordenou que fizessem essa transformação todos os outros seminários semelhantes de formação de missionário em diversos países da Europa e da América. A Sociedade começou por ter o nome de Sociedade Portuguesa das Missões Católicas e juntaram-lhe depois o adjectivo Ultramarinas, para

tornar claro que incorporava a inspiração, a tradição e o património do Colégio das Missões Ultramarinas. O nome mudou depois para Sociedade Missionária Portuguesa, e, na última actualização, ordenada pelo concílio Vaticano II, passou a chamar-se Sociedade Missionária da Boa Nova. É uma instituição de elos sucessivos, desde 1855, que tem como primeira fase, o Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim.

D. António Barroso é o quarto dos oito bispos missionários saídos do Colégio das Missões Ultramarinas, primeira fase da Sociedade Missionária da Boa Nova. E foi ele o inspirador que propôs publicamente a necessidade de a instituição passar da primeira fase para a segunda, isto



O Padre António Barroso, no Colégio de Cernache do Bonjardim, à partida para as missões de Angola (1880).

é, de instituição de formação de missionários dispersos, para uma sociedade organizada, dedicada à missão por toda a vida. Ele pertenceu à primeira fase dos Missionários da Boa Nova, mas advogou fortemente a passagem para a segunda fase. Propôs essa transformação numa famosa conferência em Lisboa, em 1889, depois da sua experiência de nove anos no Congo, no norte de Angola. Voltou a advogar a transformação como bispo de Moçambique, e em 1907, já bispo do Porto, fez parte duma comissão nomeada pelo governo para estudar e propor as bases da transformação, conjuntamente com o Superior do Colégio das Missões, Cónego António José Boavida, que também vinha propondo e advogando, repetidamente, junto do rei e do governo essa transformação desde o início do seu mandato em 1885. A transformação não chegou a efectuar-se nessa altura devido ao clima político. Por irrisão dos factos, o governo provisório da República, em 1911, removeu D. António Barroso da diocese do Porto e exilou-o, nada mais nada menos, do que para o Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, donde teve de sair para a sua terra natal de Remelhe um mês depois, por os políticos terem provocado e criado ambiente de laicização e dessacralização no Colégio. Entre os Missionários da Boa Nova, D. António Barroso foi sempre considerado como irmão mais velho, imitado como modelo de missionários, e venerado como santo. Do Superior geral da Sociedade Missionária e dum fiel e activo devoto da sua terra natal de Remelhe, em Barcelos, partiu, em 1991, a campanha para sua canonização.

* Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova

DESDE A PRIMEIRA HORA A Sociedade Missionária da Boa Nova e a Causa de D. António Barroso

ACTA Nº I

Aos vinte e três dias de Outubro de mil novecentos e noventa e um, na Rua da Bempostinha no trinta, em Lisboa, sendo catorze horas, reuniram-se, pela primeira vez, os Senhores Padre Manuel Castro Afonso, Superior-Geral da Sociedade Missionária Portuguesa, e José Ferreira Gomes, para estudarem o plano a seguir na recolha de assinaturas de apoio à Causa da Beatificação do servo de Deus D. António Barroso a enviar a Sua Exa. Revma o Senhor Arcebispo-Bispo do Porto, com vista à deliberação a tomar pela Conferência Episcopal Portuguesa sobre a introdução do processo respectivo.

Foi decidido pedir directamente ao Senhor Arcebispo-Bispo do Porto e ao Senhor Arcebispo Primaz para recomendarem expressamente a todos os párocos das dioceses do Porto e de Braga, respectivamente, o favor de procederem à recolha das assinaturas dos fiéis que desejarem associar-se a esta iniciativa, que os signatários desta acta crêem ser para a glória de Deus e bem da Igreja; e de enviarem as listas de assinaturas para a "Rua da Bempostinha n.º 30 em Lisboa", no mais curto espaço de tempo possível.

Foi ainda decidido que a Sociedade Missionária Portuguesa adopta como sua esta iniciativa, por considerar D. António Barroso um dos seus filhos mais prestigiados. Por isso subscreverá todo o expediente, apondo-lhe o seu carimbo; e receberá na sua Secretaria-Geral em Lisboa toda a correspondência, à qual dará destino conveniente.

Foi decidido tornar extensivos aos Excelentíssimos Cardeais D. Alexandre do Nascimento, em Angola; e D. Alexandre Maria dos

Santos, em Moçambique e Senhor Bispo de Meliapor na Índia, o pedido que é feito aos Senhores Arcebispo-Bispo do Porto e Arcebispo Primaz, por se querer integrar esta iniciativa nas Comemorações dos Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas.

E, finalmente, foi decidido recorrer aos meios de Comunicação Social - sem deles excluir as revistas, das instituições religiosas - para divulgação do apelo feito para a recolha das referidas assinaturas; e para tornar conhecida do público em geral a iniciativa em marcha para a introdução do referido processo de beatificação que Sua Exa Revma o Senhor Arcebispo-Bispo do Porto recebeu com muito carinho.

Para constar se lavrou a presente acta que vai assinada pelos presentes.

*José Ferreira Gomes, advogado
Padre Manuel Castro Afonso*

ADITAMENTO. Após a segunda reunião, que se efectuou a 16 de Janeiro de 1992, o Sr. D. Júlio Tavares de Rebimbas, arcebispo-bispo do Porto, assumiu o movimento em prol da canonização de D. António Barroso. As assinaturas recolhidas foram entregues à diocese do Porto.

Cessaram as actividades antes programadas, para dar lugar às actividades da diocese. O Sr. Dr. José Ferreira Gomes foi integrado na Comissão Diocesana. Pela Sociedade Missionária da Boa Nova foi nomeado para a Comissão Diocesana, o Padre António Pereira Teixeira, director espiritual do Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim.

Lisboa, 30 de Abril de 1992

Padre Manuel Castro Afonso

BEATIFICAÇÃO DE D. ANTÓNIO BARROSO

A paróquia de Remelhe (Barcelos), terra natal de D. António Barroso, apoiada pelo Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, onde D. António Barroso se formou e ordenou sacerdote para as Missões, quer pedir à diocese do Porto a introdução da causa de Beatificação do Bispo D. António Barroso, missionário em Angola, Moçambique e Índia, como sacerdote e bispo, de 1880 a 1899, e depois bispo do Porto, em Portugal, até 1918, ano em que faleceu.

António José de Sousa Barroso, nome de Baptismo, nasceu em Remelhe (05.11.1854) e faleceu no Porto (31.08.1918). Estudou no Seminário das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim (1873), onde se ordenou sacerdote (1879). Foi missionário em Angola (1880-1889), onde fundou a missão modelar de São Salvador do Congo, prelado de Moçambique (1891-1897) onde reorganizou totalmente a Igreja, bispo de Meliapor, na Índia (1897-1899) onde fomentou o entendimento entre os diversos grupos evangelizadores, bispo do Porto, Portugal (1899-1918) onde se bateu pela dignidade e integridade da Igreja contra os ataques dos governos republicanos que por isso o exilaram da diocese por duas vezes e o levaram a tribunal.

D. António Barroso foi um missionário e um pastor que se deu totalmente à sua missão, à semelhança de Cristo e dos Apóstolos. Brilha pela fé, caridade, bondade, humildade e fortaleza. Foi missionário, cientista, missionólogo e, sobretudo, um bom pastor. Dele diz o P. António Lourenço Farinha, historiador das Missões de Moçambique:

"O ressurgimento das Missões de Moçambique começou verdadeiramente com D. António Barroso, o maior de todos os missionários modernos. Espírito lúcido, homem prático, habilitado com conhecimentos técnicos adquiridos na missão do Congo, activo, virtuoso, de consciência recta, de grande alma e de grande coração, este prelado tinha todos os predicados dum apóstolo e por isso o seu nome ficou bem marcado e há-de sempre brilhar no futuro como astro luminoso que não poderá ser ofuscado por outros" (Em "Portugal Missionário", Cucujães, 1929, p.90).

D. António de Castro Meireles, um dos seus sucessores na diocese do Porto (1929-1942), disse dele:

"D. António Barroso era um homem de tempera de aço na defesa dos sagrados direitos da Igreja... A sua serena bondade era o traço mais saliente de toda a sua vida... Dos pobres e dos humildes fez os seus amigos de todos os dias".

O seu biógrafo, cônego Ferreira Pinto, diz: "D. António Barroso era admirável de virtude, à qual juntava a heróicidade".

D. António Barroso foi um missionário e um pastor de virtudes excelsas e um modelo de santidade que a Igreja deve propor às novas gerações e é por isso que advogamos a sua beatificação e canonização. Todos os que queiram associar-se ao nosso pedido devem enviar as listas com as assinaturas para Secretaria Geral, Rua da Bempostinha 30, 1100 Lisboa (Portugal).

Pedimos, por isso, humildemente à Diocese do Porto que seja introduzido o processo de beatificação deste servo de Deus e pedimos a todos, sobretudo nas dioceses onde ele trabalhou, que recomendem este nosso pedido.

Lisboa, 25 de Outubro de 1991

Pela Paróquia de Remelhe

P. António Fernandes Cardoso

P. António Fernandes Cardoso
(Pároco)

José Ferreira Gomes

Dr. José Ferreira Gomes
(Advogado)

Pelo Seminário das Missões de
Cernache do Bonjardim

P. António Pereira Teixeira

P. António Pereira Teixeira
(Director Espiritual)

Apoiamos vivamente este pedido:

1. Pelos Missionários da Boa Nova

Padre Manuel Castro Afonso

P. Manuel Castro Afonso
(Superior Geral)



FERRAZ GOMES

MOGADOUT

R. Rua, 107 - 2.º Esq.

1100 LISBOA - PORTUGAL



MISSIONÁRIOS DA BOA NOVA

Rua da Bempostinha, 30

Tel. 01-312 06 627 - Fax 01-312 48 38

1100 LISBOA - PORTUGAL

A LAICIZAÇÃO DO COLÉGIO DAS MISSÕES ULTRAMARINAS

Foi há 100 anos (12 de Abril de 1912 - 12 de Abril de 2012)

A laicização do Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, onde D. António Barroso recebeu a sua formação missionária, concretizou-se, em 12 de Abril de 1912, quando tomou posse como director um oficial da administração militar, o capitão João Baptista Valente da Costa.

Alguns seminaristas assinaram um documento que foi enviado ao Ministério das Colónias, onde declaravam desistir da carreira eclesiástica. Apesar das promessas de emprego, assinaram o documento apenas cinco dos alunos que frequentavam o primeiro ano de Teologia e um aluno do terceiro ano, mas o curso acabou mesmo por ser extinto. Os bispos não assinaram mais demissões nem conferiram mais ordenações. E, em 1 de Setembro de 1913, três meses antes da aplicação da Lei da Separação ao Ultramar, o mencionado capitão endereçou ao Ministério das Colónias um ofício nestes termos: “Para conhecimento de S. Ex.a o



A mais antiga fotografia que se conhece do Colégio das Missões Ultramarinas (1903).

Ministro, comunico que ontem, 31 de Agosto, mandei consumir as últimas partículas do sacrário e encerrar a igreja deste colégio”. Foi transformada em biblioteca.

Nos 56 anos de existência, passaram pelo Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, cerca de 5000 alunos. Entre 1859 e 1910, saíram dali para a África, para a Ásia e para a Oceania, um total de 317 sacerdotes missionários. O primeiro veio da arquidiocese de Braga e partiu para Macau em 1859. Na África, trabalharam, no total: 10 em Cabo Verde, 16 na Guiné, 58 em S. Tomé e Príncipe, 84 em Angola e 101 em Moçambique. No Oriente, trabalharam: 35 em Macau e Timor, 12 na Índia portuguesa, 9 em Meliapor, 4 em Cochim e 3 em Haynam. Destes 317 que dedicaram a vida às Missões do Padroado, cerca de 80 faleceram nos campos de missão e lá jazem, como heróis desconhecidos. Ainda destes 317 padres formados em Cernache, 8 foram bispos missionários de grande mérito. E foram inúmeros os escolares que enveredaram por outras carreiras, algumas prestigiadas, incluindo o presbiterado diocesano.



As missões religiosas foram substituídas por missões laicas, as quais recebiam formação no mesmo Colégio de Cernache do Bonjardim, que passou a designar-se Instituto de Missões Coloniais. Na foto, elementos da Missão Civilizadora “Pátria”.

A. Gomes de Araújo

AFONSO COSTA NA GUARDA: UMA “PÉROLA”

Aqui há tempos, numa passagem pela Fundação Mário Soares, dei com um folheto amarelado pelos anos, no qual se tenta chamuscar D. António Barroso: “Folheto com extracto da conferência de Afonso Costa, na Guarda, acerca da Lei da Separação do Estado e da Igreja”, de 08 de Agosto de 1912. Trata-se de uma pulhice, mas acho-a divertida. Vamos a ela!

Conta um empregado cronista que o líder republicano decidiu deslocar-se à cidade da Guarda, para elucidar o genuíno povo egitanense sobre as grandes questões do momento. Chegou derreado, mas, com os ares frescos da serra, depressa recobrou o ânimo. E, para aquecer o ambiente, começou o discurso com uma investida forte contra o jesuitismo. Com alguma empáfia, declarou haver «decepado de um só golpe a sua cabeça viperina». E lá continuou ele zurzindo, malhando e desancando, com esta polida linguagem de talhante, quando «da assembleia partem estridentes vivas à Lei da Separação, sendo dois padres dos que estão presentes os que mais calorosamente se manifestam». Revigorado por este inesperado apoio de dois cabeções serranos, o prócere da revolução republicana retomou fôlego para deixar palavras de esperança a alguns clérigos renitentes, recalcitrantes que, pela nação

fora, ainda teimavam em não vergar a cerviz. Afinal, como aqueles dois clérigos conversos mostravam, ainda era possível recuperar os espíritos empedernidos, desobstruir os bestuntos mais tacanhos. Como? Mediante recompensas a que se responde com gratidão, claro. E de quem se havia de lembrar Afonso Costa? de D. António Barroso. Atento e oportuno, aproveitou para explicar ao auditório a maneira habilidosa como tinha consegui-

do repescar o bispo Barroso para a sua causa. Afirmou que «o decreto concedendo-lhe (a ele, Barroso) pensão pelos serviços prestados em Áfria continha palavras que bem mostram o propósito de o separar da restante cáfila». (A cáfila eram os bispos portugueses da altura). «E o bispo do Porto guarda desse acto certa gratidão de que (ele, Afonso Costa) tem a prova, pois ao despedir-se-lhe à partida para Sernache do Bomjardim, esse velho um pouco já parado do cérebro, é certo, afirmava-lhe que, no dia em que perigasse a República que o povo quizer e implantára para sua felicidade, elle desejaria ser nomeado capelão do exercito português, para cooperar na defeza do regime».

Afonso Costa *dixit!* Mesmo sabendo que D. António Barroso era um homem de têmpera de aço. Mesmo sabendo que o missionário bispo recusara a pensão oferecida como esmola. (Nunca a recebeu, mesmo quando se viu a braços com problemas de dinheiro).

Hoje, 21 de Fevereiro, é dia de carnaval. D. António Barroso não me levará a mal se o imaginar abraçado a Afonso Costa, vergado ao peso da gratidão... E, já agora, fardado de capelão... É ler para crer! (Fundo DFC – Documentos Afonso Costa. Pasta 07218005).



A Ilustração Portuguesa, n.º 265, de 20 de Março de 1911, p. 383

A. Gomes de Araújo

FLORES PARA D. ANTÓNIO

«As portas do Paço estavam sempre abertas a todos que ali eram recebidos sempre com efusões de bondade. Dificilmente se poderá citar um bispo que fosse tão amado dos seus diocesanos como D. António Barroso foi amado no Porto». Fortunato de Almeida, historiador

D. António Barroso

D`antigos Patriarchas tendo herdado
A figura, a virtude, a santidade,
Subiu da vida o cerro alcantilado
Cheio de Fé, d`Amor e de Bondade.

Quantas lágrimas já terão chorado,
De profunda amargura e de saudade,
Os que ele socorria, recatado,
Na triste viuvez e na orphandade!

Mártyr foi do dever, pois era crente
A todos seduziu o doce encanto
Da sua phrase animadora e quente

Contudo, enquanto a terra, que amou tanto
D`um Bom a perda chora amargamente
Sobe à Corte Celeste mais um Santo

Maximiano Ricca

(Ilustração Católica, 14/09/1918, no 272, p.165)



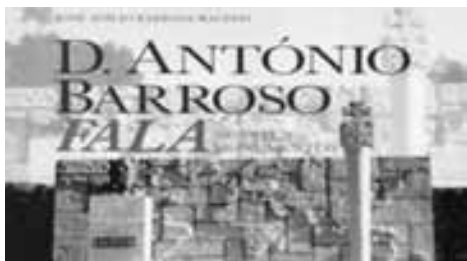
CONTAS EM DIA— A última relação (até 31 de Outubro de 2011) está disponível no Boletim n.º 3, II Série. Desde 31 de Outubro de 2011, até 29 de Fevereiro de 2012, foram efectuadas as seguintes despesas: Escola Tipográfica das Missões. Boletim n.º 3, II Série: 596,60 €; Deslocações e transportes: 75,00 €; Expediente, correio e consumíveis: 55,00 €.

TOTAL : 726,60 €.

No mesmo período, foram recebidas as seguintes ofertas para apoio à Causa da Canonização e pagamento do Boletim: Franciscanas Missionárias de Maria, Porto: 20,00€; Júlio Pedro Matos Araújo: 20,00€; Joaquim Alberto Calás Oliveira Carvalho: 10,00€; Padre Porfírio Morense Martins: 110,00€; Dr. Manuel Martins Almeida: 50,00€; Dr. António José Barroso: 50,00€; Sandra Filipa Ferreira Gomes: 5,00€; João Barroso de Matos e Christiane Matos: 100,00€; Dra. Maria Arminda Barroso Ferreira: 100,00€; Laura Otília Paiva Freixo Guedes da Silva: 50,00€; Padre José Veloso: 20,00€.

TOTAL : 535,00 €.

AMIGOS DE D. ANTÓNIO BARROSO EM ACÇÃO



Realizou-se no dia 11/12/2011 na igreja de Remelhe o lançamento do livro “D. António Barroso fala nos seus monumentos”, da autoria do historiador Padre José Adílio Barbosa de Macedo.

Presidiu à sessão o Senhor D. Manuel Martins, bispo emérito de Setúbal, lançando uma visão bem vincada sobre a verticalidade de D. António que resumiu na expressão: de joelhos perante Deus, de pé diante dos homens.

A obra de investigação do padre Adílio Macedo, apresentada pelo padre jesuíta António Trigueiros, natural de Remelhe, é uma visão complementar da vida e do ambiente em que nasceu, viveu e foi memorizado o remelhense e bispo do Porto D. António Barroso.

José Ribeiro Fernandes

D. ANTÓNIO BARROSO E A PARÓQUIA DE ALVARELHOS (TROFA)

O Rev. Padre José Rocha Ramos enviou-nos um texto ilustrado com fotografias, sobre o monumental cruzeiro de granito existente na paróquia, benzido por D. António Barroso, em 1904. Colaboração interessante para o próximo boletim.



JÁ ABRIU O CENTRO SOCIAL DE REMELHE «D. ANTÓNIO BARROSO».

O boletim paroquial de Barcelos, n.º 52, dirigido por Mons. Abílio Cardoso, informa: “Abriu já as suas portas com valências de Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário, encontrando-se abertas as inscrições. Informações por tel.: 253107057 e 966969977”.

* * *

O secretário e biógrafo de D. António Barroso, padre Sebastião Braz, escreveu que, durante o seu exílio em Remelhe, o Bispo, que o povo apelidava de Santo, esforçava-se por desenvolver entre os conterrâneos o espírito associativo. Este Centro foi construído por iniciativa de pessoas da sua terra, para apoio a carenciados. É certamente do seu agrado.

VAMOS CELEBRAR A MEMÓRIA DE D. ANTÓNIO BARROSO

O centenário da morte de D. António Barroso está aí à porta. Três ideias para preparar 2018:

O “I Congresso Missionário Português”, com a participação activa do episcopado, teve com momentos altos a grande Exposição Missionária e a inauguração da estátua a D. António, em Barcelos. Mais tarde, no centenário do nascimento, em 5 de Novembro de 1954, efectou-se o “II Congresso Missionário Português”, que teve como orador principal D. António Ferreira Gomes.

Terá chegado a hora para se pensar numa grande reflexão, a nível nacional, sobre a Missão? Um grande Congresso Missionário sobre a Evangelização?

Será esta uma oportunidade para uma moderna Exposição Missionária, em torno da figura de D. António, contando com o rico espólio da casa que habitou em Remelhe e com inúmeras peças que a Câmara de Barcelos e muitos familiares e amigos seus ainda conservam?

Não será esta a altura para Cernache do Bonjardim, com o apoio do Seminário das Missões, da Junta da Freguesia e da Câmara da Sertã, inaugurar uma estátua digna de D. António Barroso, em homenagem às centenas de missionários que dali partiram para o mundo?

D. António Couto

O presidente da comissão episcopal “Missão e Nova Evangelização” é o novo bispo da diocese de Lamego. Em 2004 fora nomeado membro da Congregação para a Evangelização dos Povos, e, entre 2002 e 2007, foi Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova. O boletim da Causa do missionário bispo D. António Barroso saúda-o.



D. Carlos Azevedo

O bispo auxiliar de Lisboa, que, nos últimos 3 anos presidiu à Comissão Episcopal da Pastoral Social, foi nomeado delegado do Conselho Pontifício para a Cultura. A Causa de D. António Barroso e o boletim que a serve, conscientes de quanto devem ao empenho devotado, ao dinamismo invulgar e à reconhecida capacidade de trabalho de D. Carlos Azevedo, saúdam-no.

